

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 91

ASSIGNATURAS
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis. (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

Vimos que não havia paridade nenhuma entre a situação religiosa e politica da França e a situação religiosa e politica de Portugal.

Vimos que só uma besta poderia defender o sr. Hintze Ribeiro e o decreto do governo portuguez invocando o nome do sr. Waldeck Rousseau e o exemplo do governo actual da republica franceza.

Vimos quaes as leis republicanas que regularam em França a questão religiosa e quanto havia n'ellas de liberal e progressivo.

Vejamos hoje o resultado d'essas leis. Vejamos hoje a fundação perturbada que o elemento clerical lança em toda a parte e a paz, tranquillidade e progresso que resulta para as nações desde que estas conseguem tirar toda a influencia ao clero e toda a sua predominancia nos negocios publicos.

N'um notavel discurso proferido na camara dos deputados da republica franceza, em 11 de novembro de 1882, dizia Jules Roche, um dos homens publicos mais eruditos de França, e como tal considerado em toda a parte, ex-ministro da republica, estas palavras memoraveis, depois de ter analysado as leis revolucionarias a que nos referimos no ultimo artigo:

«Tal era, meus senhores, o regimen instituido pelas diferentes leis que acabo de vos indicar e que reger a França durante quasi sete annos.

De forma que, quando hoje ouvimos falar em separação da Igreja do Estado, não é uma idéa metaphysica e concebida a priori que apresentamos ao paiz; é o regresso a uma situação experimentada n'um periodo já relativamente longo na vida dos homens e que deu resultados apreciados, constatados, demonstrados pela historia; de forma que, quando discutimos essa questão, é o methodo experimental e historico quem a vem esclarecer. (Muito bem! Muito bem! na esquerda.)

Senhores, ha sobre a separação da Igreja do Estado uma dupla lenda. Por um lado, pretende-se que a separação da Igreja do Estado foi a organização da perseguição religiosa, que foi Buonaparte que levantou os altares e que abriu os templos aos que tinham necessidade de adorar uma divindade; por outro lado, pretende-se que a separação da Igreja do Estado deu, sob o ponto de vista revolucionario, o unico que nos interessa, os mais deploraveis e perigosos resultados, que fortificou a Igreja e perden completamente a Republica.

Tenho ouvido sustentar esta these.

— Um membro da esquerda: A quem?

— Outro deputado: Ao padre Louquet.

— O sr. Jules Roche, continuando: Se lançarmos um rapido golpe

de vista—porque, repito, reservo a parte politica para mais tarde—se, sob o ponto de vista orçamental, lançarmos um rapido golpe de vista sobre a situação, sobre os acontecimentos que se succederam em França desde 1794 até á Concordata, até á lei do 18 germinal anno X, veremos que a dupla lenda de que vos falava ha um instante, é absolutamente contraria á realidade das coisas; que os cultos não foram perseguidos, que eram absolutamente livres, mais livres do que nunca, e que esse regimen de liberdade, bem longe de ter fortificado essa instituição politica que é inimiga do Estado e da sociedade civil e que se chama a Igreja romana... (Muito bem! Muito bem! na esquerda) a arruinou completamente. (Interrupções na direita.)

Para o reconher basta-vos percorrer a publicação mais interessante que existe sobre factos religiosos durante a epocha revolucionaria, *Os Annaes da Religião*, redigida sob a alta direcção de Gregorio, de Lecoz e d'outros prelados partidarios da Igreja constitucional, publicação que se fazia d'uma maneira periodica e frequente, onde podeis seguir dia a dia a vida dos cultos em França, até á epocha da Concordata; ali podereis constatar um facto: se tornardes, por exemplo, os algarismos d'um dos annos mais interessantes, 1797, por elles vereis que o culto catholico se exercia livremente em toda a superficie do territorio da Republica franceza n'um numero consideravel de parochias. D'estas, exercia-se o culto em 31:214 e 4:500 tinham pedido para o exercer em conformidade com as leis em vigor.

No mesmo anno, a 12 de março de 1797, na cathedral de S. Luiz de Versailles, sagrava-se solennemente, n'uma grande cerimonia, o bispo de Versailles e a essa sagração assistiam os bispos de Meaux, de Dax, de Langres, de Blois, etc.

No mesmo anno ainda, reunia-se em Paris o famoso concilio nacional de 1797 ao qual assistiam 101 prelados ou representantes de prelados, e que publicou, depois de encerrado, o que se deu a 12 de novembro, a acta das suas sessões, publicação das mais curiosas e excellente para refutar todas as lendas imaginadas pelos partidarios da Igreja romana, e que, fosse obra do acaso, fosse effeito d'uma politica intelligente, se tornou tão rara que nem existe na propria bibliotheca nacional. N'essa curiosa collecção podeis averiguar quanto era geral a satisfação de todos os crentes, de todos os christãos, de todos os que querem seguir sinceramente a religião de Jesus, quanto era geral e completa a sua satisfação com a situação que vos acabo de indicar; nenhuma reclamação se elevava de parte nenhuma, exceptuando, bem entendido, os partidarios da igreja romana sobre os quaes nos explicaremos mais tarde.

Quanto ao proprio clero, é interessante saber, esse regimen de liberdade fez d'elle um corpo mais militante contra o governo, mais irritado, mais temivel, ou, pelo contrario, um corpo submisso ás leis de seu paiz e pondo-se á parte da politica?

A resposta não é duvidosa, se consultardes as actas do concilio nacional. O decreto de 28 de setembro de 1797, publicado pelo concilio nacional de França, impõe no seu artigo I, como declaração dominante de todas as regras de conducta dos catholicos, a que todo o catholico francez deve ás leis da Republica uma submissão sincera e verdadeira.

Não é esta a linguagem dos nos-

sos prelados hoje em dia! (Muito bem! Muito bem! na extrema esquerda.)

A Igreja gallicana, diz o artigo 2, não admite no gremio dos seus pastores senão aquelles que tiverem manifestado a sua fidelidade á Republica, e que tiverem dado as garantias exigidas pelas leis.

Portanto, os proprios sacerdotes reconheciam e consagravam como a sua mais legitima obrigação o acto de submissão exigido pelas leis de prairial anno III e de vendémiaire anno IV, esse acto de submissão, com declaração cathogorica que devia preceder o exercicio do sacerdocio.

Seguindo os actos successivos d'esse concilio de todos elles resalta a mesma doutrina e em todos elles se encontram as mesmas declarações. O decreto de pacificação de 24 de setembro, por exemplo, recorda a necessidade de submissão ás leis da Republica e impõe ainda aos factores a obrigação de manifestarem a sua fidelidade ao governo republicano; o decreto de 28 de outubro de 1797 ordena acções de graça pelas victorias obtidas pela Republica e pela paz concluida. Emfim, o bispo Gregorio, na exposição dos trabalhos do concilio apresentada ao mesmo concilio, dá-nos informações curiosissimas e interessantissimas sobre o culto e sobre a situação da Igreja; recorda que cincoenta bispos fazem parte da Igreja submettida á Republica e fala-nos d'uma Republica para a fundação da qual tivemos a felicidade de concorrer e pela qual se nos conhece um terno affecto... E adiante: «Homagem, respeito, affecto pelo governo que nos colloca sob a égide tutelar da lei! Amámos a Republica no meio das perseguições; poderíamos deixar de a amar quando ella protege o cumprimento dos nossos deveres religiosos?»

Ora qual é para Gregorio e para os seus collegas do concilio a protecção de que elle fala, a protecção ao seu culto? Quaes são os beneficios da Republica?

São as leis que acabo de vos citar, essas leis que supprimiram os ordenados, que tornaram todos os cultos livres e eguaes; essas leis que exigem dos padres a declaração de fidelidade á Republica, que collocam os edificios do culto sob a policia exercida pelas auctoridades municipaes, que mandavam que estes edificios servissem para a celebração de todos os cultos e que ficassem além d'isso á disposição dos cidadãos para o exercicio dos seus deveres civicos.

Eis as leis que os bispos e os membros do clero de França abençoam em 1797 e que consideram protectoras da sua religião.

Pergunto aos catholicos de hoje, aos christãos que pretendem que um tal regimen viria inaugurar a perseguição: sois mais crentes, mais fieis, mais submissos á vontade do Ser que adoraes e de que vos pretendeis ministros do que os membros do concilio de 1797? (Muito bem! Muito bem! na esquerda.)

Tal era pois em França a situação religiosa; isto é, a Igreja romana, como vedes, tinha perdido todo o seu poder, estava absolutamente arruinada, já não existia em França senão no estado de rebellião em alguns pontos isolados do territorio do Oeste ou do Sul, ao passo que na immensa maioria da Republica, ao contrario, se celebravam os cultos d'uma maneira absolutamente pacifica e fóra de toda a preocupação politica. (Muito bem! Muito bem! nos mesmos bancos.)

E na Italia? Qual era a situação

da Igreja romana na Italia? Qual a situação do papa que acabava de perder a França—e todos vós, senhores, sabeis o papel que a França desempenha no dominio do soberano pontifice, ella, a filha primogenita da Igreja, d'essa Igreja que, perdendo-a, perdeu os seus mais importantes recursos pecuniarios e a sua maior força moral;—qual era a situação da Igreja romana na Italia, no seu proprio territorio, quando se iniciaram as negociações da concordata? Vós o sabeis; é uma historia que todo o mundo conhece.

Os soldados da Republica franceza tinham ido duas vezes á Italia, tinham-na conquistado, tinham fundado a Republica Cisalpina e a Republica Parthenopeana. Estava feito o tratado de Tolentino pelo qual o soberano pontifice perdia a maior parte dos seus estados obrigando-se a ceder á Republica franceza Bolonha, Ferrara, Ancona, a legação de Ravenna e a pagar uma indemnisação de trinta milhões. Estava feito tambem o tratado de Campo-Fórmo; em seguida concluiu-se o tratado de Luneville. De maneira que o papa via-se ameaçado por todos os lados. Tinha perdido o seu poder espirital e via reduzidissimo o seu poder temporal. Conservava Roma, mas esta mesma estava ameaçada.

Tal foi a obra da gloriosissima revolução, essa obra enorme, extraordinaria, que o grandetratante historico que se chamou Buonaparte atraiçoou e perdeu.

Tal será a obra dos homens sempre que elles não sejam da laia dos illustres membros da União liberal do Porto que Deus haja, isto é, sempre que elles não peçam os auxilios dos bispos e dos padres para conseguir o triumpho da liberdade e sempre que não misturem os seus negocios de batatas, de vinhos, de bacalhau ou de azeite com os grandes principios da libertação da consciencia humana, libertação sem a qual não ha negocio nenhum—pódem er-lo—de verdadeiro exito. Por mais paradoxal que pareça aos estupidos, certo é que sem libertação da consciencia, sem illuminação do pensamento nem as batatas rendem o que devem render, nem as vinhas produzem o que devem produzir, nem os vinhos valem o que devem valer, nem o azeite dá o que deve dar.

O primeiro valor das sociedades é a intelligencia, a intelligencia livre, illumínada e culta.

Tal foi a obra da extraordinaria revolução franceza, onde todos devem aprender. Tal será a obra dos homens, sempre que os homens forem homens.

E facilimo é perceber como uma attitude nitida e logica póde produzir a ruina de Roma sem produzir a ruina do culto. Em quando os bispos não poderem ser bispos sem licença de Roma, enquanto os padres não poderem ser padres sem licença dos bispos, que pódem colla-los ou deixar de os collar, que pódem reduzi-los á miseria tirando-lhes a

licença de prégar, de confessar e de dizer missa—o que fazem ás vezes por meras antipathias pessoais—não ha culto, não ha crengas, não ha serviço espirital, ha uma milicia organizada para os fins que Roma quizer. Milicia terrivel, exercito de escravos, que não ha de obedecer e calar ou morrer de fome.

Quando Roma não colla bispos e os bispos não collam parochios, os escravos deixaram de existir, as engrenagens da milicia despedaçaram-se, os homens são livres, livremente procedem e então o culto é sincero, é puro, é humano, se ha crentes. Se os não ha, tambem não ha hypocrisia, porque deixaram de existir motivos para ella. Em qualquer caso a religião, no sentido em que ella deve ser tida, não ficou prejudicada.

A revolução franceza não prohibiu os sentimentos religiosos porque tal coisa não se póde prohibir. Acabou com as oppressões estabelecidas á sombra das religiões, oppressões que não ferem só uma religião em favor de outra, mas que ferem a propria que se diz proteger. E os sentimentos religiosos ficaram em quem os tinha e quem os tinha rezou e adorou livremente a divindade a seu modo. E' o que fica demonstrado nas linhas anteriores.

O exercito papal, a milicia negra nunca serviu no mundo, nem serve, senão para fomentar discordias, para atear a guerra civil, para levantar attrictos e perturbações de toda a ordem.

Toda a gente fala das continuas guerras civis da America hespanhola, por exemplo, sem averiguar que a causa principal d'essas discordias sangrentas é o elemento clerical. O conde de S. Januario, que não póde ser suspeito, homem do Paço, da confiança do rei, sustentaculo que foi do throno e do altar, assim o dizia nos seus relatorios, quando foi á America como enviado extraordinario do governo portuguez, relatorios publicados no Livro Branco, no Diario do Governo e colligidos n'um volume que tem corrido mundo.

A pag. 90 d'esse volume aponta o diplomata portuguez a influencia jesuitica como causa determinante da má situação do Paraguay.

A pag. 101 e 104 confirma o que disse anteriormente.

Traçando da Republica Argentina, pag. 157, escreve o conde de S. Januario que «a idéa de que o espirito revolucionario é um mal chronico de que soffre a confederação argentina, assim como as outras republicas da America do Sul, E' FUNDAMENTALMENTE FALSA» e demonstra em successivas paginas que as revoluções americanas são um

Cartas d'Algueres

2 DE MAIO.

factor exclusivo da absorção reaccionaria, contra a qual se revoltam os espiritos liberaes.

Tratando do Chili, outra vez nos diz, pag. 199, que aquelle paiz só conseguiu a paz e o progresso depois de anniquilada a influencia clerical.

A pag. 310, embora affirme que o partido ultramontano não existe no Perú como partido politico dominante, traça-nos um quadro pavoroso do estado de beaterio d'aquelle paiz, dos mais atrasados da America hespanhola.

Emfim, de pag. 385 por deante demonstra que foi o partido clerical o causador das luctas sangrentas do Mexico, que foi elle que chamou a intervenção estrangeira. Aquelle paiz, intervenção que deu em resultado o fuzilamento de Maximiliano, e que a paz no Mexico, essa paz e prosperidade de que gosa ha tantos annos, só começou com a separação da Igreja do Estado, com o triumpho definitivo da causa liberal.

E assim em toda a parte. Na Europa, como na America, o clero romano é uma milicia organizada, com exercito negro, que não tem feito outra coisa senão fomentar discordias, atear guerras civis, conspirar e tramar por todas as fórmulas e processos contra a liberdade e o progresso.

Na Europa como na America, a paz e a tranquillidade resurgem e firmam-se sempre que o poder de Roma é vencido e anniquilado.

Estes são os factos. Esta é a historia.

Mas a esse respeito muito nos falta ainda que dizer!

CA LIBERDADE

Passou a publicar-se diariamente este nosso colléga da imprensa da capital.

Apresenta-se bem redigido, e é collaborado por escriptores de merecimento, entre os quaes se conta o nosso presado amigo e illustre lente da Universidade, dr. Affonso Costa.

Retirou para Alqueidão, Figueira da Foz, onde vai continuar no exercicio do professorado primario official, o nosso amigo padre Bruno Telles, que n'esta cidade regia com zelo e intelligencia a cadeira primaria da freguezia da Gloria.

Tunos portucenses

Sob a presidencia do academico Antonio Dias Pimentel, teremos no proximo sabbado, no nosso theatro, um surau de gala pela Tuna Academica Porttense. Compõe-se a tuna de 30 executantes, todos alumnos do Curso Superior do Instituto Industrial e Commercial do Porto, e traz aggregados a si varios alumnos dos diversos estabelecimentos scientificos portucenses, entre os quaes se contam duas talentosas alumnas da Academia Polytechnica que fazem parte do grupo scenico aggregado á Tuna e que é composto de 8 academicos.

A cidade d'Aveiro receberá com a cortezia que a caracteriza a visita illustre dos tunos portucenses; e os estudantes do nosso lyceu por certo que não desmentirão os sentimentos de confraternidade academica de que tantas vezes tem dado provas.

Não falta n'este paiz quem clame pelo governo pessoal, quem defenda o absolutismo. Defenderam-n'o os homens mais cotados, como Rodrigues Sampaio e Oliveira Martins. Clamam por elle todos, e a toda a hora. Clamou hontem a União Liberal do Porto quando poz toda a sua esperanza nas mãos do rei. Clamou certa imprensa, invocando directamente o rei. Clamaram os frequentadores da praça de toiros, quando ergueram vivas ao rei.

Mas governo pessoal, o mais accentuado, o mais caracteristico, tem os senhores todos ha dez annos. Isto persiste sendo o mesmo paiz de sebastianistas de allucinados, de continuadores e herdeiros das tradições de Alcazer-Kibir. A velha patria portugueza, a patria dos homens reflectidos, audaciosos com plano, valentes com prudencia, a patria dos homens de juizo perdeu-se de todo. Ficou a patria formada pela Companhia de Jesus, a patria dos hypocritas, dos ambiciosos sem talento—comedores pelotras para salarmos com maior propriedade—a patria dos allucinados, dos sebastianistas, dos parvos alegres de todas as categorias, classes, fórmulas e feitos.

Governo pessoal! Pois os senhores ainda querem mais que o que tem?

Pois os senhores não vêem o governo pessoal em tudo e por tudo? Nitido e accentuado, profundo.

Em Portugal não ha liberdade nenhuma, nem já a liberdade de trajar. O Veiga, ou o Moraes Sarmento, ou quem foi, determinando como as senhoras hão de estar no theatro, até já essa liberdade tirou.

Em liberdade d'imprensa é o que se vê. Em liberdade de reunião e de associação, idem. Nós todos falamos e escrevemos só quando o governo quer e como elle quer. Se elle não quer, nem já nos processa, nem já segue procedimentos regulares. Aprehende jornaes, estabelece a censura prévia, prohibe comícios e prohibe reuniões. Não dissolve, porque então o caso poderia revestir um caracter de arbitrariedade mas seria outro. Não. O governo não dissolve comícios nem reuniões; prohibe-os, que é muito differente.

O sr. Hintze Ribeiro diz na camara que o governo recebe as ordens do seu soberano e cumpre-as. O sr. José Luciano, que prometeu mundos e fundos na opposição, não fez coisa nenhuma no poder, não porque sua excellencia, que aliás não é nenhum caracter d'ago, tivesse prazer em falar por inteiro á sua palayra, não que as conveniências partidarias o obrigassem a faltar em tudo, antes ganhariam essas conveniências em se cumprir algumas das promessas, mas porque forças superiores l'ho impediram.

Pois o governo pessoal não é claro e não é caracteristico, accentuado e amplo?

Ainda querem mais? E que resultados tem advido d'ahi?

O parlamento é mais do que uma vergonha, porque, é uma verdadeira ignominia. Os proprios deputados o confessam. Elles mesmos dizem sem pudor que não tem independencia nenhuma, que á camara não vão quem vale mas quem o governo quer.

Essa ignominia, que se tem revelado profunda em muitas occasiões, passou os extremos da indecencia na legislatura actual. Nem na Capadocia deixaria uma questão, como a actual questão clerical, de ter um echo vibrante no parlamento. E tudo está e tem estado mudo, na assembleia dos paes da patria e dos proceres.

Nem o cidadão Fuschini, aquelle que o celebre republicano Gomes da Silva dizia andar a namorar, nem esse cidadão socialista, nem esse que se compromettia a salvar o paiz se no ministerio houvesse sete Fuschins, nem esse novo Bruto disse uma palayra.

O excelso, magnanimo e salvador Fosquinhas! Fosquinhas, sim. Fosquinhas é que é. Já o era para nós ha muito tempo e hoje com certeza

que o ficou sendo para todos aquelles que não estiverem doídos.

E outros, como o sr. Dias Ferreira, se disséram alguma coisa foi por simples incidencia. Tal é o valor das convicções dos nossos homens publicos. Tal é o valor do nosso parlamento.

Esta indecencia, repetimos, ficará como um dos factos mais assignalados na historia do parlamentarismo portuguez.

Ha dez annos, só ha dez annos para traz via-se isto? No meio de todos os accordos e de todas as combinações vergonhosas, que tem havido sempre entre os nossos politicos, chegou-se jámais, dez annos atraz, ao estado immundo de não ter echo no parlamento uma questão que agitou todo o paiz, que absolveu, exclusivamente, as atenções de toda a gente durante mais de dois mezes?

E de que resulta isso senão de todos estarem jogando com o governo pessoal? De que resulta isso, senão da absorção exercida em Portugal pelo absolutismo nos ultimos dez annos?

O parlamento é isso. E o resto, o que vale o resto?

Onde está a nossa magistratura, a magistratura integra de que nós nos orgulhávamos? Onde está o nosso exercito, o exercito que altivamente se affirmou em tantas horas criticas da vida da nação portugueza?

O juiz converteu-se n'um cacique e n'um galopim eleitoral. Com casos diarios o comprovam. O juiz é regenerador, é progressista, é creatura do poder pessoal antes de ser juiz. Como tal procede, pela bitola das suas conveniencias se regula.

Nunca, nunca a magistratura desceu tanto entre nós!

D'antes havia juizes algozes e ladrões mas tambem os havia assignaladamente independentes e justos. Hoje não haverá nenhum ladrão nem algoz, mas tambem não ha nenhum assignaladamente independente e altivo, nenhum que diga energicamente ao poder atrabiliario, ao poder absorvente, ao poder despotico: ande lá para traz, que acima de tudo está a justiça, dentro do direito e da liberdade.

D'antes haveria no exercito mais officiaes devassos e deshonestos do que ha hoje. Mas havia os assignaladamente amantes da liberdade, da justiça, do progresso e na balança do progresso e da civilização fazendo pesar as suas espadas. Hoje serão todos muito boas pessoas, mas mais parecem creados de servir, que tambem são homens geralmente dignos e honrados, do que guerreiros. Hoje veem-se muitos mettidos nas associações jesuiticas e fazendo gala das suas convicções reaccionarias e não se vê um fazendo gala das suas opiniões democraticas.

Isto é o que valem os homens, socialmente falando. A instituição, militarmente considerada, vale tanto que Infantaria n.º 9 anda ha um anno a mobilisar um batalhão que ha de ir para a Africa, e mobilisa-o em condições taes que os soldados precisam de receber instrucção de tiro quando chegam a Lisboa para embarcar.

Isto é assim, não obstante todas as mentiras com que no parlamento e na imprensa se tenta decorar o exercito.

Assim no exercito, assim na magistratura, assim no parlamento, assim em tudo. Não ha nada real. E tudo ficticio e falso, embora o poder pessoal queira mostrar tudo verdadeiro e forte.

Tudo ficticio e falso. E tudo obra do poder pessoal.

Querem-n'o? Pois ahi o tem de ha muito.

Estão contentes com elle? Pois estejam. Mas consignemos que elle existe e consignemos as consequencias da sua existencia.

Fica assim a situação definida e aclarada.

A. B.

A's phyiarmonicas

Vende-se um Bombardino de quatro pistões em bom estado. Quem o pertender dirija se a Antonio Vicente Ferreira - Aveiro.

THEATRO AVEIRENSE

Está finalmente passada toda a casa para as duas esplendidas récitas nos proximos dias 7 e 8 do corrente, com o «D. Cezar de Bazan» e a «Zázá».

Os que até hoje não forem reclamar aos Armazens da Beira-Mar as suas assignaturas, perder-lhes-hão o direito, sendo estas vendidas para satisfazer os numerosos pedidos que ainda á ultima hora tem sido feitos.

N'uma das noites de espectáculo abrir-se-ha assignatura para duas proximas récitas pela companhia do Theatro de D. Maria, com o «Frei Luiz de Souza», de Garrett e o «Tartufo», de Molière.

Atelias Tinoco

Este habil photographo conimbricense tenciona em poucos dias estabelecer em Aveiro um atelier, em que nos dará provas da sua pericia em trabalhos da sua arte.

Dizem-nos que será á entrada do largo da Apresentação, junto á officina do sr. Carlos Picado.

1.º DE MAIO

Com um bello dia de sol, dia sereno e primaveril, realizou-se na passada quarta-feira em Aveiro a celebração operaria do 1.º de maio.

A classe operaria aveirense, dando ás fadigas jornaleiras alguns momentos de trégua, confraternizou com o operariado universal n'uma justa e significativa manifestação.

Jámais os festejos do 1.º de maio tiveram, em todo o mundo, uma significação tão complexa, como a que as actuaes conjuncturas lhes dão. Não é já sómente para pedir as oito horas de trabalho que o proletariado vem para as ruas n'uma ostentosa manifestação de ordem e de força. Missão mais vasta compete hoje ao operariado socialista.

«Nunca!— diz o manifesto dirigido pelo comité internacional socialista ao proletariado universal,— desde 1890, data da primeira manifestação internacional do 1.º de maio, nunca se manifestou necessidade mais imperiosa do que na hora presente, em favor de uma manifestação mundial da classe operaria, como affirmação do espirito de solidariedade dos trabalhadores, na lucta contra o militarismo, como expressão da sua vontade na conquista da paz e da justiça.

Nunca o capitalismo foi mais audacioso: açambarcando o mundo com as suas garras formidaveis e aduncas leva a morte a todos os pontos do globo para se apoderar da propriedade do solo e dos meios de producção; lança os trabalhadores n'uma lucta fratricida pela guerra de tarifas; desencadeia a rivalidade das raças; violenta, mata e rouba as populações da Africa e da Asia.

E, n'esta batalha contra o proletariado, tem como aliados os Governos, as Igrejas, a oppressão politica e a oppressão moral.

A lucta será longa; a lucta será dolorosa.

Mas, no fim, está a victoria!

A monarchia ingleza, dirigida por fibusteiros como Cecil Rhodes e Chamberlain, procura extorquir n'uma guerra tão ruinosa como infame, ás Republicas Sul-Africanas, o seu ouro e a sua independencia, emquanto exgota, suga as riquezas da India onde milhões de trabalhadores morrem de fome.

O Cazarismo rouba a autonomia á Finlândia, soffoca a voz dos pensadores e dos sábios, transforma as universidades em casernas, encarcera a mocidade, deporta para a Siberia ou massacra nas ruas os operarios organi-

sados, matando á fome os camponeses.

O proletariado d'Italia chora os martyres de Milão varados pelas balas dos soldados de Humberto I. A Franca atravessa uma agitação operaria intensa, caracterizada por grèves formidaveis; a Hespanha e Portugal debatem-se contra a oppressão clerical e monarchica; o imperio da Alemanha é joguete da avidez dos senhores da terra, dos grandes industrias e da ambição d'um monarcha; a Austria desagrega-se aos golpes da reacção disfarçada sob a mascara immunda do anti-semitismo e do socialismo christão.

Nos Estados Unidos, os syndicatos capitalistas e os trusts, açambarcam os productos do trabalho para impôr a alta e a baixa, e Cuba, depois d'uma lucta heroica, vê tirarem-lhe a sua independencia. Toda a Europa monarchica, arrastada pelo capitalismo, cabe sobre o Imperio Amarello n'uma soffreguidão de appetites insaciaveis.

São estes os factos que vieram dar á manifestação internacional do 1.º de maio um mais amplo sentido, um aspecto mais humano. Mas contra esta situação, creada por um concurso de circumstancias varias, a lucta do operariado tem de ser longa, tenaz, dolorosa, uma lucta solidaria.

Ora foi precisamente a necessidade d'essa solidariedade que o operariado de todo o mundo acaba este anno de accentuar com a celebração do 1.º de maio, definindo em cada paiz, consonte as condições sociaes, o programma da lucta.

E bem andaram os nossos operarios associando-se a essa celebração. A sua festa foi uma sympathica adhesão ao grande movimento do proletariado universal.

Como no anno passado, todas as artes e industrias locais, todas as associações aveirenses, se incorporaram no cortejo civico que percorreu as principaes ruas da cidade, aos sons do hymno do trabalho e no meio de entusiasticas aclamações, emquanto o sol amigo depunha beijos de esperanza nos seus pendões desfraldados ao vento.

Os carros allegoricos eram ao todo 10, sendo os dois primeiros da agricultura, o 3.º da padaria Cavaco e fabrica de moagens e padaria Christo, o 4.º dos operarios fabricantes d'adobos de Esgueira, o 5.º dos chapeleiros aveirenses, o 6.º da Sociedade R. Artistico, o 7.º dos bombeiros voluntarios, o 8.º dos serralheiros, o 9.º dos rapazes da cal e o 10.º da Associação dos Operarios Constructores Civis, promotores e organisadores do cortejo.

Levavam bandeiras os seguintes grupos: a classe maritima ilhavense, e os artistas d'Ilhavo; os operarios da fabrica de louça da Fonte Nova; a classe dos barbeiros; serralheiros; operarios da tanoria do Cojo; um grupo desistente da associação dos bateleiros em cuja bandeira, que é branca, se lia o seguinte:—Grupo dissidente da associação dos bateleiros. Nucleo d'uma nova associação d'aquelles que só querem viver pelo seu braço e desprezam a politica de campanario; e por fim a Associação dos Operarios Constructores Civis.

Os rapazes da cal, bem como os operarios de construcções civis distribuian manifestos ao publico.

Além das duas musicas da cidade, a Amizade, com os bombeiros voluntarios, e a Aveirense com os operarios de construcção civil, tomou parte no cortejo, com os maritimos e operarios ilhavenses, a musica velha d'Ilhavo.

Quando o cortejo passava em frente do lyceu, a auctoridade superior do districto que o presenciava d'uma das janellas do edificio, foi alvo d'uma prolongada manifestação por parte da classe operaria.

Haviam de ser 6 horas e um

quarto quando o cortejo dispersou, depois d'uma carta allocução proferida na sala da associação dos operarios constructores civis pelo primeiro secretario da assembleia geral, o operario João Henriques.

A' noute houva espectáculo extraordinario no Theatro Lisbonense, representando-se a peça de combate *Fidalgos e artistas*.

Foi um dia de festa para o nosso operariado, mas da festa sympathica pela nobreza da ideia que synthetisa. E, no entanto, com sinceridade o dizemos, era-nos muito mais grato ver transparente em toda essa manifestação da familia operaria aveirense a nota vibrante que sempre acompanha e vivifica a comprehensão dos grandes principios.

Não é só com aclamações mais ou menos ribombantes que se chega á conquista definitiva do ideal que nos fascina e acalenta as nossas esperanças. O entusiasmo póte até fazer-nos passar aos olhos superficiaes do vulgo por apostolos ferventes do «amorphismo», caminhando impávidos para a «pandestruição», sendo no fundo os mais inoffensivos, os homens menos revolucionarios. O entusiasmo nestas condições, que é sempre o entusiasmo dos que não sentem, é entusiasmo postiço, ás vezes até bajulante, que tira a todas as manifestações todo o seu verdadeiro mérito.

O nosso operariado, que é bom, que ama o progresso, não querará, decerto, que se lhe applique esta dura verdade, e por todos os meios procurará instruir-se e elevar-se no conceito geral dando ás suas manifestações a orientação social que convem ao triumpho da causa que lhe cumpre defender.

Récita dos estudantes

Os estudantes do nosso lyceu preparam-se para dar brevemente no nosso Theatro uma récita cujo producto destinam á compra d'uma bandeira, revertendo o excesso em beneficio do novo hospital.

A bandeira será pintada pelo habil professor de desenho, Silva Rocha.

Meiingite cerebro-espinal

Para os lados de Sá deu-se já, segundo parece, um caso d'esta terrivel doenca n'uma rapariga do campo, sendo fatal.

Que o inspector de saude não descure os seus deveres para evitar a propagação do mal, que bastantes victimas tem feito por esse paiz fora.

Jayme Duarte Silva

ADVOCADO

R. DO SOL—AVEIRO

(90)

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXVIII

Só ao anoitecer Ivanhoé adquiriu o conhecimento da sua situação. Tendo sahido de um somno agitado, sentia o espirito invadido pelas impressões confusas que naturalmente succedem ao estado de insensibilidade. Durante algum tempo foi incapaz de se recordar exactamente das circumstancias que haviam precedido a sua queda no torneio, ou restabelecer a successão dos acontecimentos em que tinha tomado parte na vespe-

AGRADECIMENTO

Profundamente penhoradas para com todas as classes e collectividades que tomaram parte na grandiosa festa operaria, incorporando-se no cortejo do 1.º de maio, veem as associações de classe dos *Operarios Agricolas* e dos *Constructores Civis d'Aveiro* manifestar, por esta fórma, o seu muito reconhecimento, fazendo votos por que se consolide a união do operariado e a solidariedade do povo trabalhador.

THEATRO LISBONENSE

No sabbado passado, 27, houve espectáculo, representando-se a «Porteira da Fabrica», drama extrahido do romance de Xavier de Montépin, «Os milhões do criminoso». O desempenho agradou bastante, sendo justo, no entanto, especialisar os papeis de Lola, Antunes, Domingos, Victor, Rego e Santos. Pinheiro foi exagerado; e pela primeira vez que se apresentou, desempenhando um papel de certa responsabilidade, não conseguiu alcançar as sympathias do publico. Talvez má comprehensão do papel, porque no domingo, na «Corça de Carlos Magno», apresentou-se bem differentemente, não parecendo no desempenho do papel de cavalleiro Ricardo, apesar ainda d'uma certa descompostura de gesticulação, o exagerado interprete do papel de Jorge Mornust.

Na quarta, por ser dia da festa do trabalho, houve récita extraordinaria com a peça de combate «Fidalgos e Artistas». Ao contrario do que era de esperar, a casa esteve quasi vazia, sendo muito para notar a ausencia da nossa classe operaria a quem o espectáculo era, por assim dizer, dedicado como récita de gala, no dia da mais solemne e significativa manifestação de todo o proletariado.

Hontem repetiu-se a pedido a «Porteira da Fabrica».

Concelho de Espinho

Parece que o governo está resolvido a deitar abaixo o concelho de Espinho.

Contra o projecto a este respeito apresentado em côrtes, protestou a camara de Espinho, reunida em sessão extraordinaria, e deliberou enviar ao parlamento uma representação provando com documentos a sua prosperidade.

O TEMPO

Segundo Escolastico, a depressão do Adriatico originará, de 4 a 6 do corrente, ventanias e uma borrasca com ameaças de trovoadas

ra. Uma sensação de feridas e mal estar, junta a uma grande fraqueza e prostração, misturava-se com a lembrança de golpes dados e recebidos, de cavallos precipitando-se uns contra outros, qual de riba qual debaixo, de gritos e estridor d'armas, todo o tumulto atreador de uma lucta desordenada. Fazendo um esforço para afastar a cortina do seu leito, conseguiu entreabrill-a, apesar da dôr que lhe causava a sua ferida.

Com grande surpresa encontrou-se n'um aposento mobilado magnificamente; mas, vendo coxins em vez de cadeiras e outras particularidades proprias dos usos orientaes, começou a duvidar se, enquanto dormia, o não teriam transportado novamente para a Palestina. Essa impressão não fez senão augmentar quando, tendo afastado

que, generalizando, reflectir-se-ha em Portugal.

Dias 7 a 9—O calor, ventos humidos e quentes, soprando do sudoeste, acarretarão chuvas tempestuosas.

O desequilibrio invade o levante e o centro da península, generalizando-se as trovoadas por Trasmontes e Galiza. Passando ao oeste envolverá os Açores.

Dias 10 e 11—As baixas pressões do Mediterraneo inferior originarão calor e vento sul.

Será grande a tensão electrica, trovejando na Andalzia e sudoeste de Portugal, bem como no centro da península e no littoral do norte.

Dias 12 a 14—Uma perturbação no Pas-de-Calais influirá no norte de Portugal, produzindo chuviscos.

A calida ventania do Sahara, elevando a temperatura e mudando tudo a sudoeste, produzirá aguaceiros, calor e trovoadas em Portugal.

Dia 15—Augmenta o calor na Andalzia, a oeste de Portugal, Badajoz, Caceres e Madrid, com trovoadas.

Associação Commercial

Em Ovar trabalha-se activamente para a fundação d'uma associação commercial.

Já está constituida a commissão encarregada dos trabalhos preparatorios, e a elaboração dos estatutos foi confiada ao sr. dr. José d'Almeida, advogado daquelle comarca.

Um millionario devorado

Dizem de Sydney que o viajante e millionario allemão Herr Meneke foi assassinado e comido pelos indigenas da Nova-Bretanha.

O secretario que o acompanhava, teve a mesma sorte.

Que a barriga dos anthropophagos lhes seja leve, já que o acaso lhes proporcionou tal sepultura.

ANNUNCIOS

NOVO HOSPITAL DE AVEIRO ANNUNCIO

A commissão Edificadora do Novo Hospital d'Aveiro, faz publico que, a contar d'hoje em diante, se acha aberto o concurso por o prazo de 30 dias, para a arrematação do edificio a construir para a casa d'administração do referido hospital, sendo a base de licitação de réis 7:050\$000.

Os concorrentes são obrigados a fazer um deposito provisorio de 5 p. c. do valor da empreitada, em metal ou papeis de cre-

a tapeçaria, uma fórma feminina, vestida com ricos trajes que accusavam mais o gosto estrangeiro do que o da Europa, deslison através da porta, que tornou a esconder, seguida de um servo de côr bronzeada.

Quando o cavalleiro ferido ia para dirigir a palavra e essa formosa appareição, ella impoz-lhe silencio pondo um dedo afilado nos seus labios côr de rubi. O servo, tendo-se aproximado, descobriu o lado de Ivanhoé, e a amavel judia certificou-se por si propria de que a ligadura estava no seu lugar e que a ferida ia em bom caminho. A graciosa simplicidade e a dignidade modesta com que ella proceden a esse exame fariam esquecer, mesmo em tempos mais civilizados, o que n'elle podia haver de repugnante para a delicadeza feminina.

dito da divida publica fundada, e um deposito de 10 p. c., caso lhes seja adjudicada a empreitada, sendo este deposito feito nas mesmas condições do provisorio.

As condições d'arrematação, caderno de encargos, projecto, etc., acham-se patentes todos os dias uteis em casa do sr. Domingos José dos Santos Leite em Aveiro.

Aveiro, 20 de abril de 1901.

O Presidente da Commissão, Visconde da Silva Mello.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

ARRENDAM-SE a casa de azul, da rua dos Mercadores. Trata-se com Antonio da Costa, na mesma rua.

ANNUNCIO

DIRECCÃO DAS OBRAS PUBLICAS

DO

DISTRICTO DE AVEIRO

2.ª SECÇÃO DE CONSTRUCCÃO

Estrada districtal n.º 66 da Costa da Torreira a Couto de Esteves

Lanço dos palheiros do mar á Torreira

FAZ-SE publico que no dia 11 do mez de Maio proximo pelas 12 horas da manhã, na secretaria da 2.ª secção da Direcção das Obras Publicas de Aveiro, com séde em Espinho, perante a respectiva commissão, presidida pelo Engenheiro, Chefe da mesma secção, se recebem propostas em carta fechada, para construcção de 5 tarefas seguintes:

N.º das tarefas	DESIGNAÇÃO	Base de licitação	Deposito provisorio
1.ª	Terraplenagens entre perfis 1 e 20.	430\$000	10\$750
2.ª	Idem e obra d'arto entre perfis 20 e 35.....	300\$000	7\$500
3.ª	Revestimento de torrão, pavimento e serventias entre perfis 1 e 8, extensão 148,74.....	469\$000	11\$725
4.ª	Revestimento de torrão e pavimento, entre perfis 7 e 11, na extensão de 130,70.....	456\$000	11\$400
5.ª	Revestimento de torrão e pavimento, entre perfis 11 e 14, na extensão de 140,70.....	500\$000	12\$500

O deposito definitivo será de 5.º da importancia da adjudicação.

Os desenhos, medições e condições especiaes da arrematação estão patentes na secretaria da Direcção, em Aveiro, ou na da 2.ª secção, em Espinho, todos os dias não santificados, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Espinho e secretaria da 2.ª secção da Direcção das Obras Publicas do Districto de Aveiro, 30 de Abril de 1901.

O Engenheiro, Chefe da 2.ª secção,

Augusto Julio Bandeira Neiva.

A idéa de uma tão joven e formosa mulher occupada a velar á cabeceira de um doente ou a pensar as feridas de uma pessoa de outro sexo desaparecia para dar lugar á de um ser bemfazejo contribuindo com um auxilio afficaz para alliviar a dôr e desviar o golpe da morte. Rebecca deu em lingua hebraica breves intrucções ao velho servo, e este, que frequentemente lhe servia de ajudante em casos semelhantes, obedeceu sem replicar.

Os accentos de uma linguagem desconhecida, que poderiam soar com aspreza se fossem pronunciados por outra pessoa, faziam, vindos da bella Rebecca, o effeito romantico e delicioso que a imaginação attribue ás palavras magicas pronunciadas por uma fada bemfazeja; apesar de inintelligiveis para o ouvido, a doçura da expressão e o

ar de benevolencia com que eram proferidos tornavam-nos tocantes penetravam até ao fundo do coração. Sem tentar fazer a mais insignificante pergunta, Ivanhoé deixou fazer em silencio o que foi julgado mais conveniente para a sua cura; e só depois de estar tudo prompto quando o seu bondoso medico ia a retirar-se é que não pôde conter por mais tempo a sua curiosidade.

—Encantadora menina, começou elle, em lingua arabe, que as suas peregrinações pelo Oriente lhe haviam tornado familiar, pensando que assim o entenderia melhor a donzella de turbante e caftan que tinha deante d'elle,—rogo-vos, encantadora menina, que tenhaes a cortezia...

(Continúa.)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIHANDA, gerente da casa de **Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de touça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguarde de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, cloroeto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluguer, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79



Carimbos de borracha

OS MAIS NITIDOS, PERFEITOS E DURAVEIS

Para industriaes, commerciantes, particulares e repartições publicas.

Fazem-se com promptidão e por preços modicos, na officina de guarda-soes e candieiros, de

M. G. Soares dos Reis

19—R. dos Mercadores—23
AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria **MONACO**, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

ALMANACH HACHETTE

PARA 1901

Já se acha á venda na livraria **Mello Guimarães**, d'esta cidade.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por **Manuel de Macedo e Roque Gameiro**.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam affectivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escafpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fastiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins
(O GAFANHAO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfabetaria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varios.



BRAZIL, PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos de Brazil

Passagens de 1.ª 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

AFRICA OCCIDENTAL

em 1 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

Abel Paulo & Pereira,

89—Praça da Batalha—PORTO.

(Em frente ao governo civil)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL CONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aquí levarás tudo (ho sobrejo Luz. Cum.)

Preços fixos

VERBAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio.

Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa **Beirão**, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quiquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

-aos BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES—AVEIRO



NESTA antiga e acreditada

officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.